

## **DISCURSO PARA A POSSE DA NOVA DIRETORIA DO TJMT – GESTÃO 2017-2018**

Dia destes, fazendo uma breve retrospectiva do biênio 2015-2016, afirmei para um de meus assessores: — *Nós tivemos muita sorte nestes dois anos de gestão.* E ele, oportunamente me corrigiu, e disse: — *Não foi sorte Desembargador Paulo, foi benção!*

É verdade! Não foi sorte. Foi benção, foi graça, foi favor divino, foi saudável – e deixará saudades!

Aprendi nesses dois anos que há ideias, propostas e condutas com poder transformador: 1) Administrar com amor; 2) Ser feliz no caminho; 3) Ouvir, esforçar-se para compreender e respeitar o outro; 4) Fazer o melhor dignamente, na simplicidade; 5) Convencer não pela fala, mas pelo trabalho diário.

As diretrizes da Gestão 2015-2016, traçadas ainda durante o período de transição e em completo alinhamento com o Planejamento Estratégico e com as Metas Nacionais do CNJ, foram a gestão de processos, a gestão tecnológica e a gestão de pessoas.

Foi consenso de minha equipe que as áreas administrativas do Poder Judiciário estadual tinham muitas carências. Razão pela qual fizemos uma administração voltada à reestruturação das áreas meio, municiando-as de condições suficientes a dar suporte à atividade fim deste poder.

A gestão de processos, liderada pela empresa de consultoria contratada, monitorou, diagnosticou nossas deficiências, redesenhou nossos fluxos de trabalho e apresentou propostas de otimização para serviços prestados em diversas áreas do Tribunal de Justiça, com especial ressalte para os processos de trabalho implementados na Coordenadoria Administrativa, na Coordenadoria de Recursos Humanos e na Assessoria Técnico-Jurídica de Licitações.

Desde já, agradeço de público o comprometimento e intenso labor dos Coordenadores, Diretores e demais servidores das áreas afetadas pela consultoria, pois tiveram flagrante sobrecarga de trabalho ao cumulare as atividades cotidianas da área com a reformulação dos processos de trabalho.

Isso reflete o compromisso dos servidores deste Poder com a comunidade mato-grossense. E porque não dizer, demonstra que nos esforçamos para administrar com amor. Vale dizer, com paciência, com bondade, sem arrogância, sem vaidade. Cientes que o mais relevante não eram os nossos interesses pessoais, mas a melhoria dos serviços entregues pelo Poder Judiciário à comunidade.

Steve Jobs, o mago da revolução digital, em conhecido discurso na Universidade de Stanford, afirmou que nós não conseguimos conectar os fatos olhando para frente. Só os conectamos quando olhamos para trás. Então temos que acreditar que, de alguma forma, o que fazemos hoje vai se conectar no futuro. Dizia Jobs: *Você tem que acreditar em alguma coisa – sua garra, destino, vida, karma ou o que quer que seja.*

Acredito no processo judicial eletrônico como instrumento para encurtar distâncias, tempo de trâmite processual e gastos na atividade judicial. Mas também creio que a importância e poder revolucionário que o PJe tem só será visível daqui alguns anos. Na esteira da fala de Steve Jobs, creio que, nos últimos dois anos, é fato que conseguimos avançar no processo eletrônico. Todavia, a conexão total só será verificável no futuro. E quem e quando de lá do futuro olhar para trás nos verá aqui, nos anos de 2015 e 2016, no árduo trabalho que foi a implantação do PJe em 121 unidades judiciárias.

Meu desejo é que o programa PJe se torne um instrumental cada vez mais simples, de fácil manuseio por cada um de seus destinatários, tornando o acesso à justiça e a solução das demandas uma realidade cada vez mais plena e ágil ao jurisdicionado.

Investimos milhões em equipamentos e em capacitação interna e externa. Mas nosso maior legado foi conectar pessoas, em especial, os usuários do PJe: partes, advogados privados, procuradores de órgãos públicos, promotores de justiça e magistrados.

As adversidades foram muitas e diárias neste biênio de trabalho, mas também foram dias felizes. Esta grande equipe de servidores, a quem sou agradecido, fez nosso caminho animado, respeitoso e fraterno. Promoveu, assim, um caminhar feliz, ainda que desafiador. Implementou meu pedido para que não esperássemos para sermos felizes no final da jornada -. Fomos felizes no caminho!

Todo mundo tem um sonho. Eu também tenho o meu.

Gerir pessoas é ouvir, tentar compreender e respeitar o sonho do outro. E, se você tiver algum poder para auxiliar na realização deste sonho, também é utilizá-lo para o bem.

De todas as milhares de capacitações feitas durante a gestão (foram 4.681 pessoas capacitadas), emociona-me a Escola de Novos Líderes, um projeto de sucesso que semeou futuros administradores para o Poder Judiciário e, sem dúvida, ajudou a edificar os sonhos dos servidores que para ele foram selecionados. Gestão de pessoas se faz com capacitação continuada.

É produtivo que os dirigentes de entidades e órgãos públicos tomem uma postura cada vez mais democrática e participativa, ouvindo mais, esforçando-se para compreender e respeitando cada vez mais seus colaboradores. E digo isso, como ser humano e como administrador que persegue o interesse público. Ser humano feliz vive melhor. Servidor público capacitado, respeitado em seus direitos e reconhecido por seus méritos serve ao público de forma mais adequada e, por conseguinte, cumpre sua missão institucional.

Gerir pessoas, como dito acima, além de ouvir, tentar compreender e respeitar, é ganhar a amizade do outro. E aqui, utilizando a tese aristotélico-tomista de Barzotto, conceituo a amizade como sendo a relação de reciprocidade derivada do reconhecimento do outro como outro eu.

Em linguagem bem clara, a regra de ouro para Tomás de Aquino é a regra da amizade: *a amizade que se tem para o outro vem da amizade que o homem tem para si mesmo*. Logo, gerir pessoas é gerir-se a si mesmo. E todos desejamos ser ouvidos, compreendidos e respeitados pelo que somos.

Nos esforçamos muito para que durante a gestão as relações de amizade – em especial entre aqueles servidores que integraram a administração - se expandissem e se consolidassem.

Penso que logramos êxito nesse intento.

Eu, por exemplo, ganhei amigos como a competente e incansável Suseth Terezinha Metelo Taques Larazini. Excelente ouvinte. Ótima mediadora. Primorosa conselheira. Irretocável Diretora-Geral. Servidora e pessoa humana com multi qualidades, a partir de quem cumprimento e agradeço a todos os amigos-servidores que logrei conquistar durante a gestão. Não é prudente aqui citar nomes, pois, efetivamente, são muitos. Recebam meu fraterno abraço e agradecimento por tudo. Definitivamente, não se administra sozinho!

Há três agradecimentos que não posso deixar de externar nesta cerimônia.

A política de metas do CNJ tem se confirmado como instrumento relevante para o aprimoramento do Poder Judiciário. Nosso Tribunal de Justiça, no *X Encontro Nacional do Poder Judiciário*, obteve posição de destaque no cenário nacional pelo cumprimento das Metas Nacionais 1, 2 e 8, estabelecidas para o ano de 2016. Como salientei no dia do Encontro, por detrás dos dados e dos êxitos existem pessoas — magistrados, assessores, analistas, técnicos, prestadores de serviços terceirizados e estagiários — que cumpriram suas relevantes funções. Mas há uma pessoa em especial a quem preciso cumprimentar pela parceria e pelos êxitos alcançados no biênio à frente da

Corregedoria-Geral de Justiça. **Desembargadora Maria Erotides Kneip**, receba nosso reconhecimento pelos avanços que implementou, frutos de muito trabalho; receba minha gratidão pelo companheirismo na caminhada.

Da mesma forma, agradeço Vossa Excelência **Desembargadora Clarice Claudino da Silva**, uma Vice-Presidente que, além de se desincumbir com competência das atribuições afetas ao juízo de admissibilidade provisório dos recursos excepcionais, presidiu com brilhantismo e flagrantes avanços o *Núcleo Permanente de Métodos Consensuais de Solução de Conflitos (NUPEMEC)*, transformando o Poder Judiciário de Mato Grosso em referência nacional em conciliação e mediação. Some-se a tudo isso, ainda, as diversas oportunidades em que me substituiu na presidência desta Corte. Só resta-me agradecer-lhe de público.

Mais uma palavra de agradecimento, **agora a este egrégio plenário**, responsável por eu ter presidido o Poder Judiciário no biênio que se encerra. Fui eleito por franca maioria do **Tribunal Pleno**, mas faço questão de agradecer a todos os colegas desembargadores — aos que votaram em mim e aos que não votaram —, pois, depois de encerrada a eleição, durante a jornada, tive o apoio e a solidariedade de todos. O que demonstra nosso bom nível de maturidade-democrática como instituição, de respeito às decisões colegiadas e de compromisso com a coisa pública. Tenho certeza que a nova administração do Tribunal terá o mesmo apoio com o qual fui contemplado.

No demais, espero ter conseguido chegar próximo, ao menos, das expectativas em mim depositadas como Presidente. Pois, tenham certeza estimados desembargadores, não medi esforços para fazer o melhor. Administrar envelhece mais do que julgar, tenham certeza disso!

Não descuido que vivemos tempos nebulosos, tanto no plano individual como coletivo. E, em tempos assim, surge a pergunta nodal: O que fazer diante da crise?

Períodos trevosos não é novidade para nós brasileiros. O escritor pós-modernista Fernando Bonassi, no seu *Cenas de descobrimento de Brasis*, considerado um dos melhores contos dos anos 90, assim descreve as manchetes de negócios (*Business Headlines*): *As bolsas estão caindo, os aviões estão caindo, os lavadores de vidraça estão caindo. Uma borboleta bate asas em Seul e bibelôs despencam das cômodas em Osasco. Analistas e especuladores encham os bolsos. Mediteranéas não têm vagas até 2003. Por qualquer cinquenta paus se arranja um Saint Laurent de deixar de herança. Na próxima segunda-feira, tudo indica, 1929 será uma piada. Henrique mal fez seu milhão de dólares e já está sendo colhido pela fúria desses elementos. É por isso que massacra seu cartão de crédito contra o pó da mesa enquanto corta custos.*

Minha resposta para o que fazer diante da crise é continuar a fazer o melhor dignamente, na simplicidade.

E isso significa, necessariamente, não admitir que aumente na população brasileira a sensação de que vivemos em um país cuja economia, administração pública e política são cada vez mais injustas e desprovidas de sentido. É buscar motivações melhores que o lucro desmedido e a satisfação individual a qualquer custo.

Faz-se necessário um novo projeto de sociedade, um novo projeto de desenvolvimento, menos destrutivo, mais sustentável; menos insaciável, apenas suficiente.

Para tanto há que se invocar a ética, aqui compreendida como a investigação sobre aquilo que é bom, e qualificá-la como uma ética que prioriza o ser humano.

Sou um humanista. Não vejo outra solução à demanda senão reforçarmos o discurso universal de promoção à dignidade.

*Fazer o melhor dignamente, na simplicidade*, slogan que sintetizou esta gestão, significa que tentamos, desde o início, sempre optar por decisões que preservassem a ética do viver, deixar viver e ajudar a viver.

Essa postura perante a vida, que imprimo também na minha vida pessoal, explica o porquê esta administração sempre optou pelo diálogo, e não pelo embate, para resolver os graves problemas orçamentários e financeiros que surgiram nos anos de 2015 e 2016.

Acredito, assim como pensador russo Mikhail Bakhtin – grande pesquisador da linguagem humana e do diálogo -, que a palavra tem um imenso poder. Afirma Bakhtin que *a palavra penetra literalmente em todas relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios.*

Como prometi em meu discurso de posse, dialogamos com todos os atores das cenas política, administrativa e judicial, sem, contudo, perder a direção: que é e, certamente, continuará a ser, a prestação ágil e qualificada da jurisdição.

Faço votos que minhas palavras como dirigente deste Poder de Estado tenham contribuído, de alguma forma, para terraplenar trechos acidentados e pavimentar um bom caminho a seguir.

O maior legado que um ser humano pode deixar é o bem que promoveu na vida de outro ser humano.

Sei que esta ideia está, digamos assim, “fora de moda”. Como ensina Zygmunt Bauman na *modernidade líquida* — época atual em que vivemos — escorreram entre os dedos das mãos referenciais como a religião, a família, a nacionalidade, a ideologia política e o espaço público. A vida passou a ser entendida como um projeto individual. E isso é ruim. Pois desaparecem os vínculos relacionais e o sentido do pertencimento.

Tentamos construir uma *modernidade sólida*, e não *líquida*, nesta administração.

Meu sentimento, neste momento, é de missão cumprida. Sinto-me feliz. Mais feliz que dois anos atrás. Mais feliz que ao início da gestão. Pois tenho consciência que nossas decisões, ações, exemplos, enfim, tenho ciência que o serviço que prestamos durante este biênio transformou positivamente muitas vidas, concretizou sonhos, pacificou situações, acolheu excluídos, fomentou o pertencimento, fez, por assim dizer, a diferença.

A Vossa Excelência, Desembargador Rui Ramos, Presidente eleito para o Biênio 2017-2018, cuja capacidade e espírito público são de todos conhecido, desejo todas as bênçãos, todos os favores divinos, mormente porque, quando o administrador público é abençoado, a graça repercute em todos os servidores e na qualidade da prestação do serviço público.

Que Deus o abençoe e guie!

Cuiabá/MT, 19 de dezembro de 2016.

Des. Paulo da Cunha  
Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso